

RESENHA | BOOK REVIEW

Como curar um fanático (Amós Oz)

OZ, A. *Como curar um fanático* – Israel e Palestina: entre o certo e o certo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Marina Diel de Araujo*

Como curar um fanático – Israel e Palestina: entre o certo e o certo é o título do mais recente livro do escritor israelense Amós Oz, publicado em 2016 pela Companhia das Letras, com tradução de Paulo Geiger. O título dá duas indicações dos temas tratados por Oz nos três discursos (adaptados para publicação) e no artigo que o livro compila: o autor assegura que existem curas para o fanatismo, salientando que não se trata de se ter mais “informação” ou usar mais a racionalidade. Antes, o que o fanático precisa é uma boa dose de *imaginação*. Já o subtítulo do livro, *Entre o certo e o certo*, leva o nome de um dos discursos de Oz que integra o livro, proferido em 2002, na Alemanha, e ilustra, sinteticamente, a visão do escritor sobre o conflito entre israelenses e palestinos – trata-se de uma batalha “entre o certo e o certo”. Segundo Oz, a veiculação midiática do conflito como um filme hollywoodiano, no qual os papéis de mocinho e vilão são facilmente identificáveis, nos faz perder de vista a verdadeira natureza do conflito. Assim, tratá-lo como uma guerra entre o bem e o mal, para o escritor, não nos permite, de fato, enxergar a necessidade que ambos os povos possuem da mesma terra. Oz afirma que a narrativa do passado não precisa ser alterada e também não deve ser um ponto de concordância entre judeus e palestinos. A única forma de resolver o conflito é olhando para o presente e para o futuro que nele se inscreve. É por meio de metáforas poéticas e literárias que Oz apresenta as inscrições de uma possível resolução da guerra, colocando o foco na análise do presente.

No capítulo *Em louvor às penínsulas*, discurso proferido por ocasião dos atentados de novembro de 2015 em Paris, o escritor caracteriza o *metier* do escritor como a possibilidade de se “pôr no lugar de outras pessoas” (p. 13). E é por essa via curiosa – pois tal capacidade

* Formada em Filosofia pela FFLCH/USP e mestranda no programa de Estudos Árabes do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo.

deriva da curiosidade – que Oz fornece seus pontos de vista sobre o terrorismo contemporâneo, o fanatismo religioso (da parte das religiões judaica e islâmica) e sobre o conflito na Palestina.

Tendo a curiosidade como guia e elevando-a, junto com o humor, ao “antídoto de primeira linha contra o fanatismo” (p. 13), o escritor se utiliza de metáforas poéticas para ilustrar suas ideias. Na verdade, suas ideias se expressam precisamente por imagens; pois, para Oz, a literatura não deriva seu mérito de proposições de reformas políticas. Dizendo de outro modo: falar a partir do lugar de “escritor” o exime de fornecer soluções econômicas ou estratégicas para o conflito. Antes, a (boa) literatura é capaz de abrir um “terceiro olho em nossa testa” (p. 13), pelo qual é possível fazer renascer o passado, mas de um modo inteiramente novo. A boa literatura nos conta algo novo sobre o que já pensávamos conhecer, pois o escritor se dirige não às emoções ou ao intelecto (embora falem também a eles), mas essencialmente à curiosidade de seus leitores.

Seríamos fanáticos caso julgássemos ultrapassado o humanismo de Oz, segundo o qual as questões politicamente estratégicas – as questões de Estado – devem ser secundárias diante do valor que orienta as posições de um escritor: a vida humana. Assim, ele pede que seus ouvintes não esperem dele uma abordagem nos moldes da exposição de um cientista político ou de um economista. A literatura permite, antes, que se fale à imaginação e por meio dela.

Dessa forma, através de um exercício imaginativo acerca de suas próprias raízes, o escritor chega à origem do conflito ao se lembrar de que seus pais eram europeus “por devoção”, o que significava que, antes de serem patriotas ucranianos, eram europeus. Eram europeus pelo amor às línguas, culturas e tradições plurais, à literatura, à arquitetura e às “cidades antigas com suas alamedas calçadas com pedras arredondadas” (p. 21). Mas, na década de 1930, os judeus, “europeus por devoção”, não tiveram seu amor retribuído; foram, ao contrário, enxotados por ambos os espectros políticos e ideológicos relevantes da época. “Cosmopolitas” e “parasitas” eram os pejorativos que comunistas e nazistas compartilhavam com relação aos judeus europeus. Oz destaca que essa geração de refugiados levou em seus espíritos a Europa para Jerusalém e o fez por uma questão de sobrevivência. Isso é o que Oz responde aos que se perguntam se o preço da criação de Israel não tem sido alto demais. Ele mesmo não estaria vivo caso seus pais não tivessem fugido de uma Europa hostil e excludente para desembarcar, com tantos outros refugiados – milhares vindos também de países árabes –, em Jerusalém. A metáfora é conhecida por todos: trata-se de um caso de “amor não

correspondido”, mas um amor da dimensão da possibilidade de efetivação da própria existência. É esse o amor por um continente que expulsa seus enamorados.

Se a Europa vitimou os judeus pela discriminação e perseguição, as quais desembocaram no maior genocídio sistemático da história, ela também vitimou árabes pelo imperialismo, colonialismo e pela exploração e humilhação (como ainda os têm vitimado). A história é escassa – senão nula – em exemplos de estabelecimento de laços de união entre vítimas de um mesmo opressor; pelo contrário, ela nos mostra que as vítimas de um opressor tendem a reproduzir a opressão que sofreram. Diferente do teatro de Brecht, ocorre, na vida real, que filhos de um mesmo pai violento enxerguem um no outro a imagem do pai cruel.

No discurso *Entre o certo e o certo*, o escritor realiza uma espécie de genealogia das vítimas: embora em medidas diferentes, israelenses e palestinos são vítimas cuja pena remonta à ação de um mesmo “pai cruel”. Corajosamente, Oz anuncia seu diagnóstico a uma plateia composta por europeus e profetiza que (ainda que, em outra ocasião, em sua entrevista ao programa Roda Viva¹, tenha afirmado que o “negócio das profecias” é um mercado competitivo em sua terra) o Oriente Médio não derramará sangue por 1000 anos, como o fez a Europa. No texto que dá nome ao livro, *Como curar um fanático*, o escritor explica, poeticamente, que Israel é um paciente pronto para uma cirurgia delicada e urgente, e os dois lados da família do paciente esperam ansiosos e apreensivos do lado de fora da sala de operações. Embora aflitos, a urgência da cirurgia força as famílias à aceitação. É esse o panorama atual de Israel segundo Oz, que acredita que, mesmo que existam grupos tentando transformar o que ele chama de uma “disputa imobiliária” em uma “Guerra Santa”, a maior parte da população israelense encara, hoje, a necessidade da divisão de terras, a fim de pôr um ponto final à guerra nos territórios em disputa.

A analogia do autor expressa uma opinião politicamente definida: a defesa da criação dos dois Estados e, com essa posição, a afirmação de que os palestinos possuem tanto direito às terras quanto os judeus israelenses. Simultaneamente, Oz critica as políticas adotadas pelos governos de Israel, que acredita serem incompatíveis com qualquer resolução do conflito – razão pela qual afirma que é preciso que as autoridades israelenses reconheçam o Estado Palestino, seu povo e, conseqüentemente, seu direito à terra. Assim, o conflito poderia ser

¹ Entrevista com Amós Oz. *Roda Viva*. São Paulo: TV Cultura, 02 de fevereiro de 2012. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4v7VrIF2NUU>> Acesso em: 20 jul. 2016.

tratado fora do âmbito da ilegalidade, que, segundo o escritor, motiva os atentados e guerras constantes aos quais israelenses e palestinos estão sujeitos e dos quais a Palestina é um alvo fácil, justamente por não constituir um Estado soberano. As guerras seriam, então, evitadas, e a “disputa imobiliária”, tratada diplomaticamente. Oz afirma que, ainda que leve tempo, seja como for, o conflito não durará mais de 1000 anos e, fazendo um chamado aos europeus, pede que sua memória histórica se ative ao ouvi-lo.

Oz é terminante ao asseverar que, para cessar o derramamento de sangue, será necessário combater o fanatismo e descreve o fanático como uma figura singular, que vive para garantir a redenção dos outros. Assim, o fanático perde a possibilidade de colocar-se no lugar do outro, visto que ele quase nada tem de si mesmo e, não tendo um “ele mesmo”, não há nenhuma parte dele que possa exercitar a empatia e a imaginação, ingredientes essenciais para se pensar a resolução de conflitos, se quisermos ser humanos. Dessa forma, os textos e a entrevista de Oz compilados em *Como curar um fanático* – principalmente, como curar os fanáticos israelenses e palestinos – ultrapassam esse conflito específico, pois eles aludem a todas as disputas de terras entre diferentes povos ao longo da história. Nos instigantes textos brevemente comentados, Oz nos mostra que a missão de lembrar constitui o humano e o faz capaz de criar e reinventar formas de viver que contemplem as necessidades de qualquer organização social. Esse componente de humanização é a imaginação, e é essa capacidade que deve ser mobilizada caso se queira encerrar a disputa e cessar a injustiça para ambos os lados.